

EVOLUÇÃO INTELECTUAL de Ponta Grossa

JOÃO ALVES PEREIRA
(Palestra proferida na Câmara de Vereadores
em comemoração ao aniversário da fundação da
cidade). — — — — —

Na data de 15 de Setembro, a gente de Ponta Grossa experimenta uma sensação de elevado civismo e da mais grata recordação. Nesse dia são consagradas todas as honrarias àqueles que foram os artífices da ereção do trono à Princesa dos Campos Gerais.

Neste culto de respeito e justa veneração, nem uma vez sequer, se deixou sem registro os fatos e os homens do passado de Ponta Grossa, em cujo cenário predomina a personalidade lendária do Sargento-Mór Rocha Carvahais. É o tributo dedicado ao aniversariante, e àqueles que por sua causa viveram.

Mas, ainda em sua homenagem, vamos fugir à recordação histórica, tão cheia de ingênuos encantamentos, que caracterizam os dias longínquos da fundação de Ponta Grossa, para traçar ligeiras considerações sobre a evolução intelectual porque passou desde os tempos em que era simples distrito da vila de Castro.

PROPOSIÇÃO: Ponta Grossa se recuperou, em 25 anos, das falhas de um século de obscuridade intelectual.

Em tese, partimos do ponto de vista de que Ponta Grossa esperou 107 anos para iniciar sua fase de redenção intelectual, levando-se em conta a data da sua fundação a 15 de Setembro de 1823, ou de 75 anos, se apreciarmos a proposição, da data da emancipação política do Paraná, ocorrida a 19 de Dezembro de 1853.

O fato é, apenas, uma consequência. Haja vista que, a própria capital do Estado, segundo os historiadores, iniciou sua fase literária depois da emancipação política, tanto assim que o seu primeiro semanário o "Dezenove de Dezembro", que começou a circular a 1.º de abril de 1854, foi uma iniciativa do Presidente Zacarias, após aquele acontecimento. Antes dessa época não há, verdadeiramente, história literária paranaense.

No que tange a Ponta Grossa, está claro que é uma consequência de época e de meio.

As zonas litorâneas sempre estiveram acessíveis a todos os surtos de progresso. Isto porque, os portugueses, para defesa da costa e expulsão de invasores, deixavam naquelas faixas, desde o período do descobrimento, elementos dotados de apreciáveis conhecimentos literários. A prova desta assertiva sobressai na preponderância de dotes literários que se conhecem em seus descendentes desde Pernambuco até Paranaguá.

Ao contrário, as zonas interiores eram regiões para obra de catequistas e "Bandeirantes". Eram zonas de lutas. Dentro das plagas inhóspitas desse Brasil desconhecido só havia a tarefa espinhosa dos aldeamentos. As inspirações do belo se esvaíam diante de perigos inesperados.

Ponta Grossa, neste cenário de lutas, não tomou parte. Os Campos Gerais não eram próprios para aldeamentos de índios. Estes viviam de caça e pesca. Logo, uma região descampada e sem rios para pesca abundante, era uma região de passagem.

Esta característica fez com que Ponta Grossa, sinal maiúsculo do planalto curitibano, se tornasse, como os campos que se estendem de São Paulo até o Rio Grande do Sul, em simples currais de criadores pecuaristas. Uma tal condição só oferecia trabalho árduo. Vida isolada. Instrução problemática. Este fato é, pitorescamente, apreciado, pelo ilustre intelectual castrense, Pedro Novais, quando afirmou num de seus belos trabalhos que, enquanto os pontagrossenses trabalhavam, os castrenses faziam política.

A situação mudou um pouco, depois que Ponta Grossa passou para a categoria de Freguesia. Seus moradores trataram de fazê-la uma cidade que um dia pudesse ser chamada de Princesa, e esta, pela sua magnitude, alcançasse o prêmio com que se quitaria com seus obreiros: institutos educacionais e culturais para lapidação de suas inteligências!

Os tempos vão passando. Não há notícias de maior relevância sobre a vida intelectual de Ponta Grossa no terreno da divulgação. Mas, já nessa altura o tempo vai fazendo conhecido o prestígio da Princesa. Denuncia este fato quando foram estabelecidas as colônias agricolas para os municípios paranaenses.

Ponta Grossa foi bem aquinhoadada na distribuição. Para aqui foram mandadas centenas de famílias de imigrantes russos-alemães, slavs e italianos, que foram localizados nas colônias Tavares Bastos, Taquari, Tibagi, D. Luiza, Moema, Santa Matilde, Euridice, Botuquara, Itaipococa, Guaratuna, Guaratininha, Rio Verde, Santa Rita, D. Adelaide, Trindade e Floresta.

Estes fatores nada somavam, como vantagem, aos problemas intelectuais, pois, eram passíveis da mesma necessidade. Entretanto, a imigração ofereceu uma segunda geração para colaborar no alevantado problema e ainda ampliou as possibilidades econômicas do município.

Foi no alvorecer do presente século que a instrução, base de partida para a intelectualidade, caminhou, em Ponta Grossa, a passos mais credenciados para sua finalidade. Os homens de melhor preparo intelectual se ufanavam de seu mestre Professor Colares. Os que frequentavam as aulas do Padre Lux, o querido sacerdote do ensino pontagrossense, podiam apresentar aproveitamento de ginasiano. Outros se orgulhavam de estudar com o perito contabilista Professor Brüning. Só havia na cidade o Grupo Escolar "Dr. João Cândido". Algumas escolas isoladas como a do venerando Professor Felício Francisquini.

Havia carência absoluta de meios para arrancar do olvido qualquer promessa da arte literária. Daí a se concluir porque os pendores intelectuais da Princesa dos Campos só começaram vir à tona, quando Jacob Holzmann, o saudoso autêntico idealista das sublimes causas, fundou a imprensa pontagrossense, em 1908, dando à publicidade "O Progresso", atual "Diário dos Campos".

Depois do evento da imprensa em Ponta Grossa, não mais cessou o anseio de sua gente, de poder, um dia, brilhar entre a plêiade de intelectuais paranaenses.

Embora esse redobrado esforço, não atingiam os letrados desta terra a posição almejada. Talvez fossem ignorados pelos críticos ou deslembados.

Tanto é verdade o esquecimento tributado à gente da terra que, o Príncipe dos Intelectuais Paranaenses, o saudoso escritor Romário Martins, em sua obra "Terra e Gente do Paraná", na qual traça ligeiros apontamentos sobre valores araucarianos, apenas um nome pontagrossense ali aparece, é o da insigne educadora d. Júlia Wanderley. Também, outro intelectual paranaense,

se, o íntegro Juiz de Direito, Dr. Augusto Faria Rocha, em seu livro "Paraná Intelectual", obra que foi concluída pelo Dr. Ermelino de Leão, como uma das mais brilhantes monografias da história literária do Paraná, e editada em 1922, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, — no seu conteúdo só apareceram duas figuras de pontagrossenses, o brilhante poeta Reynaldo Ribas Silveira e a festejada poetisa Anita Philipowski.

Esse o panorama da situação de Ponta Grossa, no setor intelectual, durante o período de quase um século.

Um acontecimento, porém, veio modificar o rumo desta mortificante expectativa. Foi o ocorrido no dia 14 de maio de 1879, quando nascia na cidade de Paranaguá, o paranaense que havia de ser apontado ao povo como a expressão da mais "vultosa" messe de realizações beneméritas que o Paraná conheceu. Entre essas realizações aí estão a "Escola Normal" e o Ginásio "Regente Feijó", marcos indiscutíveis do início da redenção intelectual de Ponta Grossa.

É óbvio que se trata da personalidade, sempre venerada, do Presidente Dr. Caetano Munhoz da Rocha, nome que, ao ser lembrado nesta terra, inspira uma prece aos religiosos e aos demais um profundo respeito.

Desde aquele ano de 1927, Ponta Grossa não mais se deteve, e seguiu aceleradamente ao encontro de seus objetivos intelectuais. Imprensa, rádio-emissora, uma preciosa bagagem de livros culturais de autores pontagrossenses, eis o que atestam, como resultado, aquelas beneméritas realizações do governo Caetano Munhoz da Rocha.

Hoje, Ponta Grossa — redimida de um século de obscuridade intelectual — tornou-se o maior centro estudantil do interior do Estado e a sua cultura intelectual é de projeção internacional. Entretanto planos mais avançados, nestes setores, já se vêm concretizando, para glória de sua gente. É objetivo de fazer de Ponta Grossa uma "Cidade Universitária".

Felizmente, para a consecução deste elevado desideratum, já pode contar a Princesa dos Campos com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Escola de Odontologia e Farmácia, Faculdade Estadual de Direito — dentro em breve — uma Escola de Agronomia.

Em conclusão, esta síntese em torno da evolução intelectual de Ponta Grossa, não pretende desmerecer ninguém, pois, não existe pessoa humana responsável pelas falhas do meio e da natureza.